



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



JOÃO FRANCISCO CHAGAS SOARES

**A questão da infância na guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864-1870):
análise das Coleções Didáticas das séries finais do Ensino Fundamental
(PNLD 2020)**

AQUIDAUANA-MS
2024

JOÃO FRANCISCO CHAGAS SOARES

**A questão da infância na guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864-1870):
análise das Coleções Didáticas das séries finais do Ensino Fundamental
(PNLD 2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, como exigência do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Paula Squinelo.

AQUIDAUANA MS

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

João Francisco Chagas Soares

**A questão da infância na guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864-1870):
análise das Coleções Didáticas das séries finais do Ensino Fundamental
(PNLD 2020).**

Aprovado () Reprovado ()

Aquidauana, MS, de de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Squinelo
UFMS/Campus de Aquidauana

Examinadora: Profa. Mestra Vera Lúcia Nowotny Dockhorn
Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso (SEDUC/MT)

Examinadora: Profa. Mestra Yara Karolina Santana de Mattos Messias
Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar minha mais sincera e profunda gratidão à minha família, que sempre esteve ao meu lado em cada etapa desta jornada. Sem o apoio incondicional que me ofereceram, especialmente nos momentos mais difíceis, quando pensei em desistir, não teria conseguido chegar até aqui. A paciência diante das minhas ausências e preocupações, o carinho em todos os momentos de angústia e as palavras de incentivo quando mais precisei foram fundamentais para que eu pudesse continuar a acreditar em mim e seguir em frente. A cada um de vocês, dedico este trabalho de coração, pois ele não é apenas um marco na minha vida, mas também uma conquista que compartilho com vocês. A força de vocês foi a minha força, e este caminho teria sido impossível sem a presença constante, tanto nos bons momentos como nos mais difíceis.

Aos meus professores/as, deixo o meu agradecimento especial. Ao longo dos anos, cada um/a de vocês teve um papel importante na construção do conhecimento que adquiri e no meu crescimento pessoal e acadêmico. As aulas foram mais do que apenas transmissão de conteúdos; foram momentos de inspiração e desafios que me ajudaram a crescer como pessoa e profissional. Cada orientação, conselho e partilha de experiência foi essencial para moldar o estudante que sou hoje. Por isso, fica aqui o meu mais sincero reconhecimento pelo papel que tiveram na minha formação.

Em especial, quero agradecer à professora e orientadora Ana Paula Squinelo. A sua orientação foi um dos pilares fundamentais para que este trabalho pudesse ser realizado com sucesso. Desde o início, sua disponibilidade, paciência e atenção aos detalhes me ajudaram a manter o foco, mesmo quando enfrentei dificuldades e obstáculos que, em alguns momentos, pareciam intransponíveis, e mesmo que de forma inconsciente me ajudou a superar meus próprios limites e acreditar no meu potencial. O seu exemplo de rigor, profissionalismo e empatia ficará marcado para mim como um modelo a seguir, não apenas no campo acadêmico, mas também na vida. A você, professora Ana Paula, deixo aqui a minha eterna gratidão. Também gostaria de agradecer aos meus amigos/as e colegas de curso, que estiveram comigo ao longo dessa caminhada acadêmica. Foram muitos os momentos de partilha, aprendizado e crescimento mútuo. O apoio de todos/as foi fundamental, tanto nas longas noites de estudo

quanto nas conversas descontraídas que ajudaram a aliviar o cansaço. Um imenso sentimento de gratidão. Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho investiga o silenciamento da participação de crianças na Guerra do Paraguai (1864-1870) nos livros didáticos das séries finais do ensino fundamental. Foram analisadas as coleções “História, Sociedade e Cidadania” e “História.doc”, ambas integrantes do PNLD 2020. A pesquisa revelou que, embora o conflito seja abordado, não há menção à presença de crianças no *front* de batalha, como a Batalha de Acosta Ñu. A ausência dessa narrativa contribui para uma visão incompleta da história e silencia sujeitos vulneráveis que participaram do conflito. O estudo propõe uma revisão dos materiais didáticos para incluir essa participação, oferecendo aos alunos uma compreensão mais ampla e humanizada da história.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, crianças, silenciamento, livros didáticos, historiografia.

ABSTRACT

This study investigates the silencing of children's participation in the Paraguayan War (1864-1870) in history textbooks used in the final grades of elementary school. The analysis focused on the textbooks "História, Sociedade e Cidadania" and "História.doc", both part of the PNLD 2020. The research found that while the conflict is addressed, there is no mention of children's involvement on the battlefield, such as in the Battle of Acosta Ñu. The absence of this narrative contributes to an incomplete view of history and silences vulnerable subjects who participated in the war. The study suggests revising educational materials to include this participation, providing students with a broader and more humanized understanding of history.

Keywords: Paraguayan War, children, silencing, textbooks, historiography.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo 1- História, memória e historiografia da Guerra do Paraguai/Guerra <i>Guasu</i>.....	12
Capítulo 2- Historiografia do pós-Guerra e as crianças durante a Guerra do Paraguai/Guerra <i>Guasu</i>.....	23
Capítulo 3- Análise das Coleções Didáticas – em tela a criança e a Guerra do Paraguai/Guerra <i>Guasu</i>.....	34
Considerações finais.....	42
Referências Bibliográficas.....	45

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Mapa da Ofensiva Paraguaia.....	15
Imagem 2 Mapa das Operações aliadas.....	17
Imagem 3 Mapa das ações paraguaias em território mato-grossense.....	19
Imagem 4 Criança da infantaria Argentina, na Guerra do Paraguai/Guerra <i>Guasu</i>	26
imagem 5 Desenho alusivo aos internos do Instituto de menores artesãos da Casa de Correção da Corte, uma Instituição penal para menores abandonados, que lhes dava ensino técnico, existente entre 1860 e 1865, quando os menores foram mandados para os Aprendizes Marinheiros.....	27
Imagem 6 Carabina reduzida para crianças.....	27
Imagem 7 Mulheres e crianças Paraguaias.....	28
Imagem 8 Prisioneiro Paraguaio.....	28
Imagem 9 fotógrafo no identificado militar con niños en la Guerra del Paraguay.....	29
Imagem 10 Criança paraguaia, fotografada em 1869 depois de ser aprisionada nos combates do final da Guerra.....	29
Imagem 11 Livro didático História sociedade e cidadania do 8ºano.....	32
Imagem 12 Livro didático História.doc 8ºano.....	32
Imagem 13 Mapa dos territórios dos Países participantes da guerra.....	35
Imagem 14 Mapa da Bacia do Rio da Prata.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	33
Tabela 2.....	34

INTRODUÇÃO

Minha trajetória até a Universidade foi impulsionada por um desejo profundo de me tornar professor, mesmo enfrentando desafios pessoais, como minhas dificuldades de comunicação e a timidez que sempre estiveram presentes. Desde cedo, compreendi a importância da educação e seu impacto transformador na vida das pessoas, o que me motivou a persistir no sonho de contribuir para a formação de novas gerações.

Durante minha graduação, fui convidado por uma professora a participar de um projeto de Iniciação Científica (IC), um marco em minha trajetória acadêmica. Esse convite não apenas me abriu portas, como também me proporcionou uma bolsa de pesquisa, possibilitando o desenvolvimento aprofundado de um tema que, hoje, se consolida como o foco deste TCC: a participação de crianças na Guerra do Paraguai e o silenciamento dessa questão nos livros didáticos utilizados nas escolas brasileiras.

A experiência com a IC foi enriquecedora e decisiva, pois me forneceu as ferramentas teóricas e metodológicas necessárias para conduzir esta pesquisa. O tema, que inicialmente representava um desafio, revelou-se uma oportunidade única de explorar um aspecto marginalizado da história e de contribuir para uma educação mais crítica e inclusiva, deste modo o presente trabalho teve como objeto o conflito oficialmente denominado no Brasil de Guerra do Paraguai/Guerra Guasu.¹ Tal conflito ocorreu entre os anos de 1864 e 1870, sendo o maior e mais devastador conflito armado da América do Sul e envolveu Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Esse embate não apenas causou enormes perdas humanas, como também resultou em consequências políticas e econômicas significativas, principalmente para o Paraguai, que teve

¹ Este Trabalho de Conclusão de Curso opta por usar Guerra do Paraguai/Guerra Guasu para se referir ao conflito, entretanto de acordo com Squinelo e Dockhorn: “vale salientar quanto ao uso de diferentes denominações, (Guerra da Tríplice aliança, Guerra da Tríplice aliança contra o Paraguai, Guerra Guasu, Grande Guerra), contudo, destaca-se que a própria denominação do conflito é alvo de inúmeras manipulações, divergências e disputas político-ideológicas e por si só já mereceria ser objeto de pesquisa”(DOCKHORN; SQUINELO,2021,p.13). No Brasil, em documentos oficiais, em projetos governamentais, nos livros didáticos de História, em projetos culturais[...] o termo utilizado é Guerra do Paraguai. No Paraguai, ao contrário, denomina-se Guerra Guasu (SQUINELO; MARIN, 2023, p.249).

grande parte de sua população dizimada e sua estrutura socioeconômica arruinada (DORATIOTO, 2002). De acordo com Leslie Bethell (1995), o desfecho da guerra transformou o cenário geopolítico da região, consolidando a hegemonia brasileira enquanto o Paraguai mergulhava em uma longa fase de recuperação.

Embora a guerra tenha recebido extensa atenção na historiografia, certos aspectos do conflito, como a participação de crianças no *front* de batalha, permanecem marginalizados tanto nos livros de história quanto nos materiais didáticos. Mary del Priore (2011) chama a atenção para o fato de que, no Brasil Imperial, as crianças frequentemente desempenhavam papéis sociais e políticos mais ativos do que se reconhece hoje, e que, no contexto da Guerra do Paraguai, foram compelidas a participar diretamente dos combates, especialmente na fase final do conflito. Um dos episódios mais emblemáticos dessa participação foi a Batalha de Acosta Ñu, onde centenas de crianças paraguaias lutaram e foram mortas, numa das cenas mais trágicas da guerra.

Nesse sentido, este estudo visa investigar o modo como a participação infantil na Guerra do Paraguai tem sido silenciada nos livros didáticos adotados nas escolas brasileiras. Para isso, foram analisadas as coleções didáticas “História, Sociedade e Cidadania”, de Alfredo Boulos Junior, e “História.doc”, de Ronaldo Vainfas, ambas incluídas no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD 2020)² e utilizadas em escolas de Aquidauana e Anastácio, no Mato Grosso do Sul. A pesquisa se baseia na análise de conteúdo dessas obras, buscando identificar a presença ou ausência de referências à participação de crianças no conflito, e refletir sobre o impacto desse silenciamento para a formação histórica dos/as alunos/as.

Ao comparar o conteúdo dos livros didáticos com as fontes historiográficas, nota-se que as omissões relativas à Batalha de Acosta Ñu e à presença das crianças no *front* contribuem para uma narrativa histórica incompleta. A invisibilidade desses sujeitos na educação formal reforça uma visão restrita da guerra, centrada apenas nos líderes políticos e militares, enquanto ignora as experiências humanas de grande relevância para a compreensão mais ampla do

² Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), segundo o Ministério da Educação (MEC), é um programa que visa garantir a distribuição de materiais didáticos, literários e pedagógicos, de forma gratuita, para todas as escolas públicas de educação básica no Brasil. Criado em 1985, o PNLD é um dos maiores programas de distribuição de livros do mundo e busca democratizar o acesso ao conhecimento e aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. Os principais objetivos do PNLD são melhorar a qualidade da educação pública, apoiar a formação continuada dos professores, e garantir que os alunos tenham acesso a materiais de ensino atualizados e diversificados.

conflito. Além disso, a ausência de discussões sobre a participação de menores reflete um silenciamento que priva os/as estudantes de uma abordagem mais crítica e empática da história.

Por meio desta análise, o trabalho não apenas expõe as lacunas dos materiais didáticos, mas também destaca a necessidade urgente de revisar os conteúdos escolares para incluir narrativas de sujeitos/as historicamente excluídos/as, como as crianças que participaram ativamente da Guerra do Paraguai. Essa inclusão é crucial para oferecer uma visão mais diversificada do passado, garantindo que os/as alunos/as compreendem os impactos profundos dos conflitos armados em todos os setores da sociedade, e não apenas nas esferas do poder.

Para tal, esse trabalho está dividido em 3 capítulos, O primeiro capítulo, intitulado "História, memória e historiografia da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu", aborda o conflito a partir de diferentes perspectivas historiográficas, discutindo suas causas, consequências e o impacto na formação dos Estados nacionais sul-americanos. Além disso, explora como o conflito foi interpretado ao longo do tempo e quais são os pontos de divergência entre os historiadores que trataram do tema.

No segundo capítulo, "Historiografia do pós-Guerra e as crianças durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu", o foco é voltado para a participação das crianças no conflito. São apresentados dados e relatos que comprovam a presença significativa de menores no front de batalha, especialmente na fase final da guerra, quando o exército paraguaio estava severamente enfraquecido. Esse capítulo busca lançar luz sobre um tema frequentemente negligenciado pela historiografia tradicional e apresenta as evidências da participação infantil como parte integrante da dinâmica do conflito.

Por fim, o terceiro capítulo, "Análise das Coleções Didáticas – em tela a criança e a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu", realiza uma análise crítica dos livros didáticos utilizados nas escolas de ensino fundamental, buscando identificar se o tema da participação infantil na guerra é tratado ou silenciado. A partir de uma avaliação das coleções do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o capítulo discute o papel da educação na construção da memória histórica e na formação de uma consciência crítica acerca dos grupos historicamente marginalizados.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo contribuir para a reflexão sobre o papel das crianças na Guerra do Paraguai e, ao mesmo tempo, destacar como a história desse grupo é tratada nos livros didáticos.

CAPÍTULO 1 - História, memória e historiografia da Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*

A Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, como apontado anteriormente, foi o maior conflito da história da América do Sul e envolveu quatro países: Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. Foi “a batalha mais longa, mais sangrenta e mais destrutiva das guerras que assolaram a América do Sul no século XIX [...]” (BETHELL, 1995, p.12). De acordo com Squinelo e Dockhorn o conflito começou em 13 de dezembro de 1864, quando o Paraguai declarou formalmente guerra ao Brasil, mas seu estopim se deve ao aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda, e terminou em 1º de março de 1870, quando o presidente Francisco Solano López foi assassinado em Cerro Corá.

O contexto platino foi extremamente turbulento, cheio de tensões, como as delimitações das fronteiras e a livre navegação dos rios na região do Prata. O historiador Francisco Doratioto afirmou que a guerra “[...] foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região.” (DORATIOTO, 2002, p.93).

Durante a primeira metade do século XIX, diversos países da América do Sul se consolidaram como nações independentes após as guerras de independência. Naquele contexto, surgiram vários conflitos sobre as fronteiras entre esses países, bem como sobre o direito de navegação nos rios da região. Um dos principais rios disputados era o da Prata, que permitia o acesso ao oceano Atlântico e ao comércio internacional. Essa disputa já vinha desde o período colonial, quando Espanha e Portugal buscavam controlar as terras e as rotas comerciais na América do Sul. Uma das consequências dessa rivalidade foi a fundação da Colônia de Sacramento por Portugal, que depois de muitos embates e tratados passou para o domínio espanhol (PRADO, 2004, p. 5).

A Colônia de Sacramento era um ponto estratégico para os interesses portugueses e brasileiros na região do Prata, pois servia como base para o contrabando e a expansão territorial (SILVA; SILVA; SILVA, 2017, p. 2).

Por outro lado, a Espanha via a colônia como uma ameaça à sua soberania e à sua integração regional. Essa tensão entre as potências coloniais se refletiu nas relações entre os países sul-americanos no século XIX, especialmente entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai (SANTOS; SANTOS; SANTOS, 2018, p. 24).

Além das disputas entre Espanha e Portugal, a região do Prata também era palco de conflitos internos entre os países sul-americanos. Buenos Aires enfrentava a resistência de suas

províncias para se manter como uma grande potência regional, opondo-se aos interesses federalistas do Brasil. No Uruguai, os partidos colorados e blancos disputavam o poder político e representavam diferentes projetos para o país. Os colorados eram mais liberais e favoráveis à intervenção europeia, enquanto os blancos eram mais conservadores e ligados aos proprietários de terra. Esse conflito partidário se agravou com a interferência de Argentina e Brasil, que apoiavam os colorados.

A situação culminou na invasão do Uruguai pelo Brasil, que junto com os colorados avançou sobre o território uruguaio. Esse fato pode ter sido o principal motivo que levou o Paraguai a ocupar as províncias brasileiras logo após a invasão no Uruguai. Essas diversas brigas e conflitos revelavam as tensões entre os países do Prata, que envolviam não apenas a questão da navegação fluvial, mas também a questão territorial. Segundo Doratioto (2002, p. 35), “[...] os López, pai e filho, estavam convencidos de que mais cedo ou mais tarde o Brasil e a Argentina, apesar de todas as suas rivalidades, se uniriam para fazer guerra ao Paraguai”. Por isso Doratioto avaliou que “[...] o Paraguai havia iniciado sua preparação militar para uma defensiva contra um possível ataque, dessa forma a construção do famoso forte de Humaitá tinha o objetivo de defender o Paraguai de um ataque do Império brasileiro”. (DORATIOTO, 2002, p. 35)

Dentro desse contexto de disputas e interesses Lilian M. Schwarcz diz que [...] “os federalistas argentinos, apesar de vencidos continuavam atuando e viam, assim como o Paraguai, no porto de Montevideu uma alternativa para o comércio exterior.” (SCHWARCZ, 1998, p. 457). E por conta disso de acordo com Squinelo e Dockhorn: “[...] essa afinidade de interesses entre ambos levou Solano López a acreditar que teria apoio, também militar, dos federalistas argentinos no caso de um conflito armado” (SQUINELO, DOCKHORN, 2021, p. 52).

O ponto que deu início a guerra foi quando o Brasil usou de força invadindo o Uruguai; em apoio a Venâncio Flores a marinha brasileira bloqueou Montevideu. O que levou o Paraguai a partir para a ofensiva contra o Brasil, aprisionando o navio Marquês de Olinda que estava trafegando pelo rio Paraguai em direção a Mato Grosso e, de acordo com Squinelo e Dockhorn (2021) estavam levando a bordo o novo presidente da província de Mato Grosso Frederico Carneiro de Campos e dessa forma as relações diplomáticas entre os países foram cortadas e em treze de dezembro de 1864 o Paraguai declarou guerra ao Brasil.

Logo em seguida se deu início à ocupação paraguaia das terras em litígio, localizadas na província de Mato Grosso, e iniciou negociações para ter acesso a passagem por misiones, norte da Argentina. De acordo com Capdevila (2010, pp. 30-31), Lopez acreditava que Brasil e Argentina não se uniriam, devido à popularidade do seu regime na Província de Entre Rios e do caudilho Urquiza. Nesse aspecto, Squinelo e Dockhorn, apontaram que:

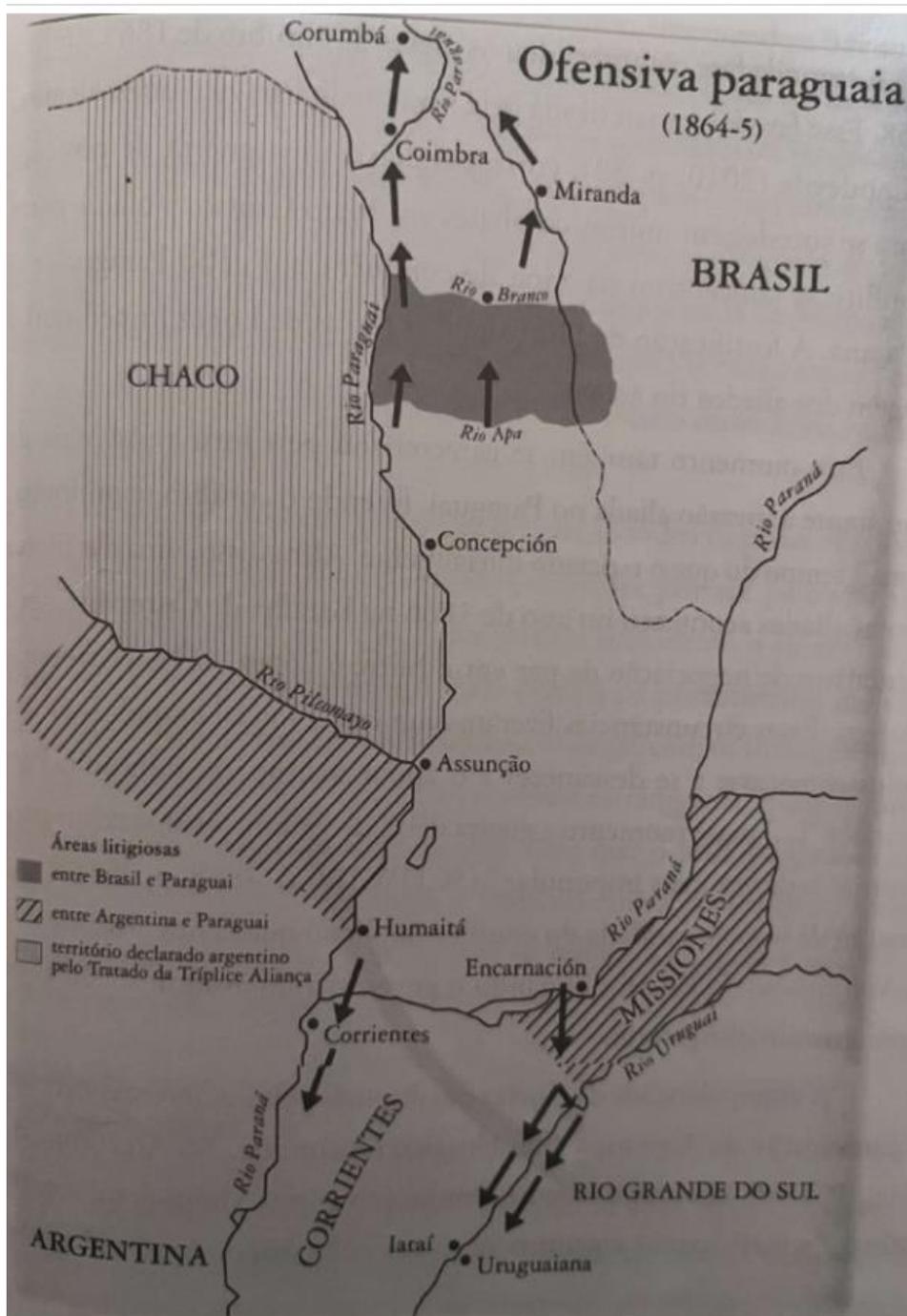
Não só Argentina proibiu a passagem como o apoio de Urquiza nunca veio, dessa forma levando Solano López a declarar guerra também a Argentina e posteriormente invadir Corrientes e seu porto fluvial onde tais acontecimentos ocorreram entre março e abril de 1865, e dentro desse contexto Montevideú já havia sido dominada, liderados pelo Venâncio Flores. (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p. 54).

Como forma de resposta as declarações de guerra e as ocupações, o Brasil, Argentina e Uruguai se uniram para formar uma aliança, que teve o nome de Tratado da Tríplice Aliança. Uma das cláusulas do Tratado estipulava que

Por conseguinte, a guerra só poderia ser considerada finda com a derrota de López. Mas, sobretudo o Tratado exprimiu os interesses das duas principais nações, a Argentina e o Brasil, em solucionar questões que são anteriores ao conflito: delimitar definitivamente as fronteiras com o Paraguai, procurando garantir a posse das terras litigiosas e assegurar junto ao novo governo, que deveria ser constituído no Paraguai, a livre navegação dos rios Paraná e Paraguai (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p.55)

No que tange à historiografia a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* é dividida em três fases, de acordo com Squinelo e Dockhorn (2021): a primeira fase vai de dezembro de 1864 a outubro de 1865, chamada de período da ofensiva paraguaia, onde é dito pelas autoras que o Paraguai ocupou as províncias de Mato Grosso, de Corrientes, São Pedro do Rio Grande do Sul e Uruguiana, entretanto mesmo com importantes feitos, os aliados tiveram uma vitória na batalha de Riachuelo que ocasionou uma perda significativa a marinha e causando um bloqueio ao Paraguai. Capdevilla (2010, p. 32) afirmou que “En menos de un año el Paraguay perdió lo esencial de su flota y su tropa más aguerrida. El Paraguay vivía atrincheirado”.

Imagem 1: Mapa da Ofensiva Paraguaia



Fonte: Doratioto (2002, p. 94).

A segunda fase da Guerra vai de outubro de 1865 a julho de 1868, essa fase se caracteriza pela invasão do Paraguai pelos aliados. Para Capdevila (2010, p. 32), foi uma guerra de posição mesmo com muitos combates em Mato Grosso, a maior parte deles foram em zona

de confluência do Rio Paraguai e Rio Paraná, e essas tentativas de passagem dos aliados rio acima foram impedidas pelo forte de Humaitá e as forças de Solano López.

A guerra começou a se tornar mais longa do que se imaginava, para Schwarcz “[...] nesse momento a guerra deixou de ser unanimidade para se tornar cada vez mais impopular”. (Schwarcz, 1998, p. 468). Com isso seguiram-se vários problemas, uma forte resistência de López frente a invasão, uma das piores derrotas dos aliados na batalha de Curupaiti em 1866 após a falha de negociação de Mitre e López, e devido a tudo isso e principalmente a impopularidade da guerra, Argentina e Paraguai tiveram disputas internas, como por exemplo, o levante na Argentina conhecido por Montonero que era contra a participação da Argentina na guerra.

Devido a isso em 1868 Mitre decidiu retirar suas tropas e retornar a Buenos Aires. Assim, como outra rebelião dessa vez no Uruguai que resultou na morte de Venâncio Flores, com tudo isso acontecendo houve uma substituição de comando. Com prolongamento da guerra todos os países envolvidos sofreram muito principalmente o Paraguai, o Brasil estava tendo problemas de finanças e recorrendo a empréstimos estrangeiros, já que no cumprimento do tratado fora estabelecido a captura e derrota do Solano López.

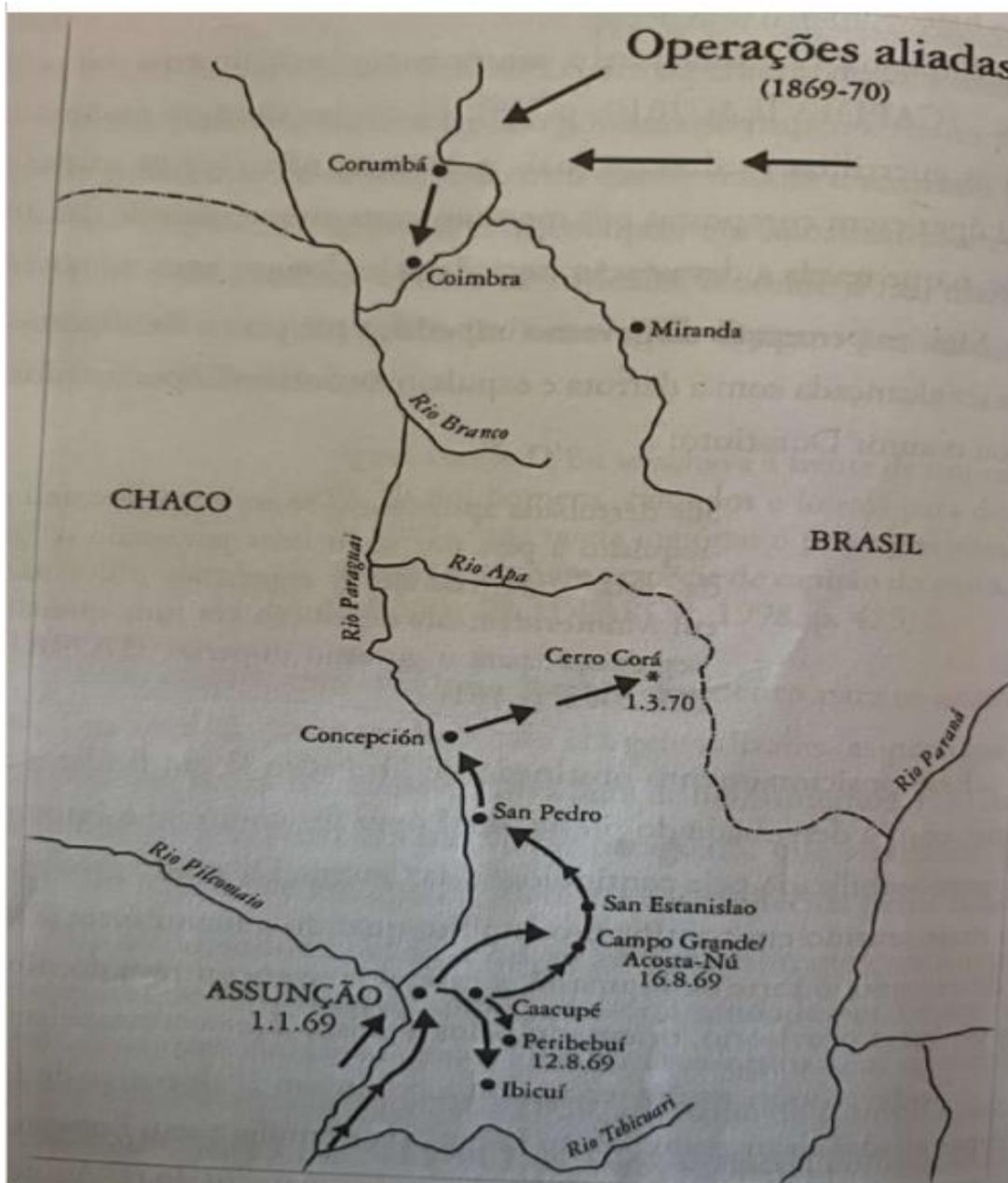
De acordo com Capdevila (2010, pp. 32-33) a terceira fase é a partir de julho de 1868 que é iniciada com a tomada do forte de Humaitá. Esse período foi marcado com a retirada de Solano López e do exército paraguaio com os aliados tomando a capital Assunção, o que ocasionou alguns problemas após isso, por que de acordo com alguns estudiosos Duque de Caxias que naquele momento era o comandante das forças brasileiras defendia o fim da guerra naquele momento, algo contrário ao que o governo do Império queria, devido a isso Caxias se afastou alegando problemas de saúde e conde d’Eu marido da Princesa Isabel assumiu o posto.

Sob o comando de conde d’Eu continuaram os avanços onde ocorreu a Batalha de Campo Grande ou para os paraguaios Batalha de Acosta Ñu, dita como uma batalha com grande presença de crianças o que de acordo com alguns autores teria sido o que sobrou do exército paraguaio. O autor Bethell (1995, p.20) a destacou que mesmo com a fuga de Solano López a Batalha de Campo Grande é considerada a última grande batalha da Guerra do Paraguai. Mesmo com tudo isso o Império brasileiro acreditava que só teria paz com a derrota e fim de Solano López, de acordo com Doratioto: “Sua derrubada apresentava-se ao Império como pré-requisito à paz, por ser o líder paraguaio o “guarda-costas” dos federalistas argentinos e dos blancos em

Montevideu; sua deposição era uma questão de “segurança” para o governo imperial”. (DORATIOTO, 2002, p. 161).

De acordo com Squinelo e Dockhorn (2021, p.63) as incursões teriam fim somente em primeiro de março de 1870. As tropas aliadas alcançaram Solano López e sua família, e o líder das tropas paraguaias que foi assassinado as margens do rio Aquidabã em Cerro Corá fronteira com o Brasil e com esse desfecho começou a ter os problemas entre Brasil e Argentina sobre o tema da anexação/disputa dos territórios litigiosos.

Imagem 2: Mapa das Operações aliadas



Fonte: Doratioto (2002, p. 397)

Em se tratando da ocupação paraguaia em Mato Grosso que incluía os atuais estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, com o início da Guerra o Paraguai/Guerra *Guasu*, o Paraguai ocupou as terras em litígio da Província de Mato Grosso. De acordo com Squinelo e Dockhorn (2021) essa iniciativa do governo de López é questionada por parte dos pesquisadores/as sobre o motivo que levou ele a tomar essa decisão. Uma delas é que na Província havia um arsenal bélico e criação de milhares de cabeça de gado, dessa maneira pensando estrategicamente seria de grande utilidade para Solano López se apossar desses recursos para usar na guerra.

Os autores Jorge Thompson e Juan Crisóstomo Centurión, contemporâneos à guerra, que lutaram ao lado de Solano López, em suas memórias e reminiscências sobre a guerra, fizeram referência à grande quantidade de armamentos apreendidos na campanha do Mato Grosso e foram utilizados em todo o transcorrer do conflito [...] (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p.70).

Entretanto também deve ser considerado o interesse das terras por parte do Paraguai, para o estudioso estadunidense Thomas Whigham essas terras garantiriam ao Paraguai a posse e evitaria que o Império brasileiro se fortificasse no Rio Paraguai, de acordo com o autor:

[...] estaba también la larga disputa territorial con el Brasil. Un golpe audaz contra el norte podía asegurar la frontera, dado que los brasileños no podrían reforzar Mato Grosso en forma oportuna, salvo a través el río Paraguay”. (WHIGHAM, 2010, p. 209).

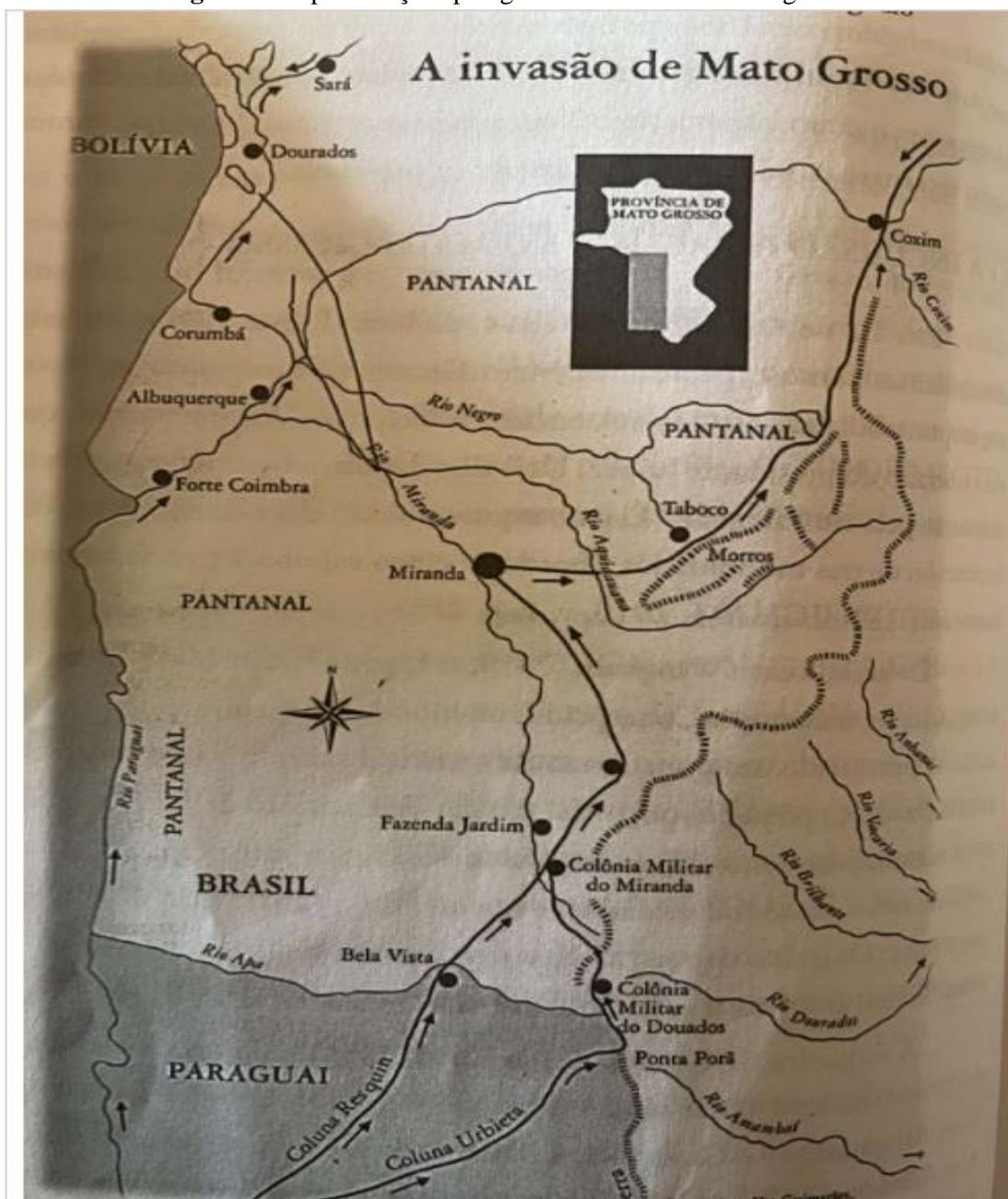
Para o autor Doratioto (2002, p. 98) o território de Mato Grosso era o mais vulnerável, além de não haver um efetivo militar adequado havia uma grande quantidade de armas e munições e outros artigos bélicos, mas sem as tropas necessárias para utilizar e, por isso de acordo com esse autor houve negligência militar por parte do Império.

Doratioto (2002, p. 98) afirma que o efetivo do exército era de 875 soldados e os homens da guarda nacional eram menos de 3 mil números que são insuficientes para agir em caso de ataque, além desses soldados estarem divididos entre os distritos militares. Para o autor “[...] nesse contexto a única defesa que havia em Mato Grosso em caso de ataque era o forte de Coimbra construído na época colonial [...]”. (DORATIOTO, 2002, p. 99)

Segundo as autoras Squinelo e Dockhorn:

Em 12 de dezembro de 1864, Solano designou seus comandantes para a expedição de Mato Grosso. O comando-geral ficou sob responsabilidade do General, então coronel, Don Vicente Barrios, que era cunhado do Presidente López. Dois dias depois, a frota naval partiu de Assunção pelo rio Paraguai. (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p. 77).

Imagem 3: Mapa das ações paraguaias em território mato-grossense



Fonte: Guimarães, Acyr Vaz apud Doratioto (2002, p.95).

De acordo com Centurión (2005, pp. 161-162) um barco se aproximou do forte de Coimbra com uma mensagem ao Porto Carrero que era chefe da guarnição de Coimbra, a nota dizia que o coronel Don Vicente Barrios a mando do governo teria vindo tomar posse do forte e como forma de humanidade convidava seu comandante a render-se no prazo de uma hora, caso não fizesse isso, seria tomado a força o local, entretanto o comandante seguia o regulamento do exército brasileiro e apenas por ordem dos superiores poderia responder a ele,

dessa forma foi enviado uma cópia aos superiores, e assim a esquadra de Barrios iniciou o ataque ao forte de Coimbra no sul de Mato Grosso. No terceiro dia de conflito os homens de Barrios viram o forte evacuado, desde o comandante aos civis haviam se retirado e ido em direção a Cuiabá.

Para Maestri foi uma deserção inglória já que não houve uma grande resistência dos brasileiros que estavam naquele local, de acordo com o autor foi abandonado no local

[...] dez canhões, cento e vinte quilos de pólvora, oitenta mil cartuchos de fuzil”. Dessa forma essa deserção dos brasileiros é vista para alguns autores como algo extremamente vergonhoso, além de contraditório tendo em vista que na visão patriótica da guerra pelos militares brasileiros as mesmas pessoas que fugiram de seus postos são vistas como heróis da pátria. (MAESTRI, 2015, p. 112).

Vale também ressaltar que um dos maiores marcos da Guerra do Paraguai/ Guerra *Guasu* foi o episódio comumente conhecido como a Retirada da Laguna e que foi narrado por Visconde de Taunay. Foi uma expedição que ocorreu entre 1865 e 1867 que foi batizada de Corpo expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso, sendo que o objetivo era recuperar as terras que foram ocupadas na província de Mato Grosso; entretanto, devido à falta de recursos, doenças como tifo, cólera, entre outras, a força expedicionária sofreu danos severos. Sobre tal contexto Doratioto (2002, pp.122-123), apontou “[...] que as tropas eram formadas por 2203 combatentes e outras 1300 pessoas eram (mulheres, crianças, carreteiros, bagageiros, comerciantes, aventureiros)”, e que em função das dificuldades enfrentadas ao longo de todo o percurso, ao final, de acordo com dados apresentados por Doratioto (2002, p. 128) a força expedicionária se viu reduzida a setecentos combatentes.

Apesar do fracasso da expedição, as estudiosas Squinelo e Dockhorn inferem que:

Taunay imortalizou a retirada narrando as inquietudes vividas pelo exército de forma romantizada, a forma como foi mostrada fez que personagens como Guia Lopes ganhasse uma áurea heroica, e acabasse deixando de lado participações como de indígenas, mulheres, os escravizados e pequenos posseiros. (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p. 98).

Guia Lopes, também conhecido como José Francisco Lopes, desempenhou um papel central durante a retirada, guiando as tropas brasileiras através de rotas alternativas para escapar do cerco inimigo. Taunay (1874, p. 102) descreve Guia Lopes como um homem de "extraordinária coragem e firmeza", cujo conhecimento do terreno foi fundamental para que parte do contingente sobrevivesse. O episódio se tornou uma história de resistência heroica, com Lopes emergindo como um símbolo dessa bravura.

Antes da retirada propriamente dita, as tropas brasileiras tentaram atacar a fortificação paraguaia de Bela Vista, mas encontraram forte resistência. Esse ataque mal-sucedido marcou o ponto de inflexão da expedição, levando à decisão de recuar. De acordo com Doratioto (2002, p. 95), as condições logísticas precárias, o desconhecimento do terreno e a resistência paraguaia forçaram os brasileiros a abandonar a ofensiva e iniciar a retirada.

A ideia romantizada e heroica acerca da Retirada da Laguna, retratada por Taunay, chegou até os dias atuais através de várias edições de sua obra e de trabalhos memorialísticos, regionais e até de manuais didáticos. Essa narrativa, no entanto, tende a enfatizar o heroísmo de personagens como Guia Lopes e as ações dos soldados, muitas vezes negligenciando ou invisibilizando a participação de outros grupos, como indígenas, escravizados e pequenos posseiros (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p. 98). A obra de Taunay reflete um viés da época, em que o protagonismo masculino branco predominava, ofuscando a diversidade das contribuições e dos sacrifícios dos outros participantes do conflito.

Além de ter se tornado um símbolo da bravura e resistência do exército brasileiro, a Retirada da Laguna também é um exemplo do preço elevado que o Brasil pagou por uma expedição mal organizada. Embora tenha sido retratada como um ato heroico, o episódio expôs as graves falhas logísticas e estratégicas do exército brasileiro. A visão romantizada do evento continua a reverberar na historiografia e na memória nacional, criando uma imagem que, embora poderosa, esconde a complexidade e as dificuldades reais enfrentadas pelos envolvidos.

A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu foi marcada por uma série de eventos complexos que refletem as tensões políticas, territoriais e militares da região platina no século XIX. O conflito, amplamente destrutivo, envolveu não apenas batalhas e estratégias militares, mas também disputas por poder e controle territorial. A Retirada da Laguna, por sua vez, destacou-se como um símbolo tanto de resistência heroica quanto de falhas estratégicas do exército brasileiro. A romantização desse episódio, especialmente através das narrativas de Taunay, imortalizou figuras como Guia Lopes e construiu uma memória focada na bravura dos soldados, ao mesmo tempo em que obscureceu a participação de grupos marginalizados, como indígenas e escravizados. Essa dualidade entre heroísmo e fracasso estratégico reflete a complexidade do conflito, reforçando a importância de revisitar os eventos com uma perspectiva crítica, que leve em conta todos os atores envolvidos e as consequências mais amplas da guerra. O episódio da Retirada da Laguna permanece, portanto, como um marco tanto na história militar brasileira

quanto na memória nacional, trazendo lições sobre a organização militar, a importância do contexto político e os custos humanos de um conflito dessa magnitude.

CAPÍTULO 2 - Historiografia do pós-Guerra e as crianças durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu

A escrita da história ou a historiografia pertinente ao conflito em tela desenvolveu-se em distintos momentos históricos e é marcada por fases, visões e características diferenciadas. Primeiramente, a escrita da história do tema foi marcada por uma visão patriótica, memorialista. Uma visão dos militares e heróis de guerra e de acordo com Squinelo esse momento é marcado por obras escritas por:

[...] atores que foram protagonistas ou não da guerra. [...]. Tais obras ofereciam ao leitor uma compreensão patriótica do conflito platino, e ao mesmo tempo, legaram uma visão pejorativa no que se relaciona à nação guarani, [...]. (SQUINELO, 2015, p. 28).

Nesse sentido, os autores eram influenciados pelo contexto histórico que viveram, uma visão de combate pela honra e soberania da nação, o conflito foi associado com ambição e tirania do presidente Solano López, levando a uma forma de que o exército brasileiro teve o papel de salvar o povo paraguaio de um tirano. Essa historiografia foi marcada por obras como *Reminiscência da Campanha do Paraguai* de Dionísio Cerqueira (1910); *Diário: A Guerra do Paraguai* (1866) de André Rebouças (1973) e, *A Retirada da Laguna* de Alfredo d'Escagnolle Taunay (1874).

O segundo momento que muitos chamam de revisionista ou imperialista de acordo com Squinelo e Dockhorn (2021, p.15) foi delimitado entre as décadas de 1960 a 1980 e foi marcado por uma narrativa imperialista do conflito onde a responsabilidade foi dada aos interesses imperialistas ingleses, onde tem como o principal autor dessa vertente Léon Pomer com a obra intitulada *La guerra del Paraguay: gran negocio!*. Em resumo Pomer explicou a guerra do Paraguai sobre um viés econômico, dessa forma o Paraguai foi visto como um país cheio de riquezas naturais e em desenvolvimento econômico e que não se submeteu ao imperialismo inglês, nesse sentido a guerra era para a destruição do Paraguai e, por consequência se tornaria uma nação de domínio inglês e a execução dessa estratégia teria ficado a cargo de seus países vizinhos Brasil, Uruguai e Argentina que de alguma forma eram economicamente dependentes da Inglaterra.

De acordo com Squinelo e Dockhorn (2021, p.16) no Brasil os revisionistas lançaram forte crítica à ação do exército brasileiro, houve denúncias de excessos ocorridos, se na fase anterior o exército era enaltecido, nessa ocorreu o contrário.

Já o terceiro momento da historiografia da guerra chamado de neorrevisionista de acordo com Squinelo e Dockhorn (2021, p. 16-17) vem do próprio avanço da historiografia, por meio de técnicas e metodologias de pesquisa, ampliando o trabalho em relação as fontes, objetos, sujeitos e abordagens e assim nova perspectiva sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*, e, assim permitir que sujeitas e sujeitos silenciadas/os sejam evidenciados/as nessa nova história, novas abordagens através de imagens, documentos, de modo geral fontes que dialoguem a narrativa apresentada.

Trazendo essa questão daquelas/es que foram silenciadas/os, vale exemplificar a questão da infância naquele período e a presença dos menores no *front* de guerra. De acordo com Mattos (2022, p .90):

Foi evidenciado através de imagens, fotos, relatos e documentos a presença das crianças na guerra. No início da Guerra do Paraguai as convocações para o exército paraguaio eram de pessoas com idade entre 16 e 44 anos, considerados aptos. Com as grandes baixas, principalmente de soldados, jovens de 14 anos foram obrigados a assumirem o serviço militar. Em todas as fases do conflito houve a presença de crianças. No estágio final da guerra esse aspecto se tornou mais acentuado.

Essa realidade atingiu seu auge na Batalha de Campo Grande, também chamada de Acosta Ñu, onde a fragilidade do exército paraguaio, já devastado pela morte da maioria de seus soldados, levou ao aumento significativo da participação de crianças no conflito. O número de crianças de 12, 13 e 14 anos que pegaram em armas e participaram ativamente ou não do conflito cresceu. Essas crianças lutavam em uma batalha que, naquele momento, já não fazia mais sentido algum. Além daquelas que participaram ativamente da guerra, havia as que nasceram em meio ao conflito e cresceram ao lado dos soldados.

Não existe uma contabilização exata sobre as vidas e baixas de crianças ao longo da guerra, como ressaltou Salles (2003, p. 128). Entretanto, relatos de pessoas que estiveram presentes no conflito, como Cerqueira (1980) e Taunay (1874), expuseram em seus escritos as experiências vividas pelos menores nos campos e acampamentos durante a guerra. "Essa realidade foi vivenciada tanto pelos menores nos acampamentos brasileiros quanto pelas crianças paraguaias" (SQUINELO; DOCKHORN, 2021, p. 129).

De acordo com Capdevila (2012, p. 42), o alistamento de crianças de 13 anos foi autorizado a partir de 1867 para suprir a escassez de novos combatentes no exército paraguaio. Esse fator agravou ainda mais a desigualdade da Batalha de Campo Grande, já que além do

baixo número de combatentes, a presença de crianças, que não tinham preparo físico ou mental adequado para participar de um conflito armado, tornou a batalha ainda mais injusta.

É importante destacar que a noção de infância no século XIX era bastante diferente da que temos hoje. Segundo Squinelo e Dockhorn (2021, p. 131), naquela época, um menor de 14 anos poderia muito bem se casar ou trabalhar, pois não havia regulamentações claras sobre o papel e os direitos das crianças. Além disso, na obra *História da criança no Brasil*, a historiadora Mary del Priori (1992, p. 130) explica que o Código Penal do Império no século XIX não atribuía responsabilidade penal a menores de 14 anos, mas também não proibia que esses menores se casassem ou trabalhassem. Isso reforça a ideia de que as regulamentações sobre a infância eram escassas ou inexistentes, permitindo a exploração dos menores em diversas situações.

Somente em 1891 surgiu uma legislação mais específica sobre o trabalho infantil, com o Decreto N° 1313, que determinava que apenas crianças com mais de 12 anos poderiam trabalhar em fábricas. Isso mostra que, no contexto da Guerra do Paraguai, a falta de leis de proteção aos menores contribuiu para que crianças fossem colocadas em condições extremas, como o serviço militar, sem qualquer tipo de amparo legal ou proteção.

De acordo com Squinelo e Dockhorn (2021, p.131) uma elaboração específica para atender menores se deu apenas em 1927 com o decreto 17.943-A que consolidou as leis de proteção a menores. Então, evidencia-se, que naquele momento a visão da sociedade perante os menores não era nem um pouco semelhante ao que vemos hoje em dia, não havia nenhum aparato jurídico que conseguisse proteger os menores de uma situação extremamente difícil e prejudicial e onde não havia nenhuma punição para os adultos acerca das crianças nessas condições, já que a visão de menores naquele período não tinha nenhuma semelhança com o que temos atualmente.

Diante disso, a batalha de Campo Grande ou Acosta Ñu foi a que mais teve a presença das crianças, de acordo com Squinelo e Dockhorn (2021, p. 130) essa batalha ocorreu quando os aliados tomaram Piribebuy, em agosto de 1869, e teriam lutado cerca de 3 mil a 6 mil crianças contra cerca de 20 mil aliados, foi injusta e cruel tanto pela diferença numérica como pelo fato de a maioria serem crianças paraguaias. O fato de a guerra ter se prolongado tanto, e o número de soldados terem diminuído teve como consequência muitas crianças participando ativamente da guerra.

Em meio a essas evidências, tanto fontes escritas quanto visuais, como fotografias e desenhos, comprovam a presença de menores no front de batalha durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. As autoras Squinelo e Dockhorn (2021) reuniram um vasto compilado de documentos e registros iconográficos que atestam essa participação, com destaque para as obras de autores como Dionisio Cerqueira, que, como militar brasileiro, testemunhou a presença desses jovens combatentes em campo. Esses relatos não apenas reforçam o trágico uso de crianças no conflito, mas também ajudam a contextualizar como esses menores foram alistados em um dos períodos mais sombrios da história militar sul-americana.

De acordo com o historiador Adler Homero Fonseca de Castro, a Batalha de Campo Grande (Acosta Ñu) foi um dos exemplos mais cruéis da utilização de crianças em combate. Os batalhões paraguaios eram compostos, em sua maioria, por idosos e crianças de nove a quinze anos, que enfrentaram soldados bem treinados e em plena forma física. Esse desnível de forças resultou em uma tragédia, com muitos desses jovens sendo mortos, feridos ou capturados, demonstrando o desespero do exército paraguaio em seus últimos momentos de resistência (CASTRO, 2016).

Esses documentos, escritos e visuais, corroboram a brutalidade e o uso indiscriminado de menores no conflito, revelando uma prática que extrapola as condições de guerra aceitáveis. A presença de crianças na linha de frente, conforme documentado pelas fontes analisadas, expõe a profundidade da crise vivida pelo Paraguai e seus esforços desesperados para manter a luta, mesmo às custas de uma geração de jovens que, em vez de serem protegidos, foram enviados para o campo de batalha.

Imagem 4:
Criança da infantaria Argentina,
na Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*



Fonte: CASTRO, 2016, p. 210.

Essa imagem fornece mais uma evidência concreta da participação de crianças e adolescentes no *front* de batalha. O autor ainda menciona a existência de outros registros históricos que atestam essa realidade, reforçando a ideia de que a presença de menores em contextos de guerra era algo documentado e reconhecido. Tais fontes adicionais corroboram a participação significativa de jovens em conflitos armados, não apenas como testemunhas, mas como parte ativa nas operações militares.

Em 1865 a menção a 23 menores dos contingentes de voluntários e guardas vindo do Ceará e no batalhão 107 da guarda nacional e no corpo voluntário Princesa Leopoldina. Outra imagem mostrada na obra mostra o que acontecia aos menores que estavam nas Instituições de menores abandonados, eram mandados para serem aprendizes de marinheiros. (CASTRO, 2016, p.211).

Imagem 5

Desenho alusivo aos internos do Instituto de menores artesãos da Casa de Correção da Corte, uma Instituição penal para menores abandonados, que lhes dava ensino técnico, existente entre 1860 e 1865, quando os menores foram mandados para os Aprendizes Marinheiros



Fonte: CASTRO, 2016, p.214.

A imagem sugere que os menores passaram por um treinamento intenso, que envolvia tanto a preparação técnica quanto a militar. A inserção de crianças e adolescentes como aprendizes-marinheiros não era apenas para prepará-los para o trabalho civil, mas também para transformá-los em combatentes durante a Guerra do Paraguai. Muitos desses jovens, frequentemente órfãos ou sem suporte familiar, foram preparados para enfrentar situações de risco extremo no campo de batalha.

A militarização desses menores não foi uma simples consequência da guerra, mas sim uma estratégia bem planejada que visava preencher as lacunas deixadas pelas grandes baixas sofridas no exército brasileiro. Esses jovens, sem qualquer forma de proteção ou direito, foram moldados para servir como soldados, e isso os afastou de uma infância segura. A imagem reflete essa política de alistamento precoce e a exploração desses menores como instrumentos de guerra. Ao enviar menores para serem Aprendizes-marinheiros, o Estado canalizava crianças abandonadas e vulneráveis para fortalecer seu contingente militar, evidenciando a realidade cruel que muitos enfrentaram. Longe de viverem uma infância protegida, esses menores foram usados como uma solução para a demanda militar durante o conflito.

Imagem 6: Carabina reduzida para crianças.



Fonte: CASTRO, 2016, p.218.

Diante do exposto, conclui-se que, durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, houve um esforço deliberado para adaptar o armamento, produzindo armas menores e mais leves com o objetivo de facilitar o seu manuseio por crianças e adolescentes que, tragicamente, foram recrutados para o *front* de batalha. Essas adaptações evidenciam que a participação de menores no conflito não foi meramente incidental, mas planejada, uma vez que a fabricação de armas específicas para jovens combatentes demonstra uma intencionalidade clara de sua utilização no campo militar. Ao produzir armas adequadas ao porte físico desses menores, o exército paraguaio buscava garantir que até os mais jovens pudessem combater de forma eficiente, revelando a quão desesperadora era a situação no final da guerra.

Imagem 7: Mulheres e crianças Paraguaias



Fonte: SQUINELO, DOCKHORN, 2021, p.136

De acordo com Squinelo e Dockhorn a **Imagem 7** mostra crianças e mulheres paraguaias posando para foto em um momento em que parecem estar sendo atendidas por enfermeiras e médicos, novamente evidenciando mais uma prova de presença das crianças no conflito.

Outra fonte utilizada (**Imagem 8**) pelas autoras mostra um prisioneiro que claramente é uma criança sendo obrigado a prestar serviço ao um oficial que aparece ao lado dele:

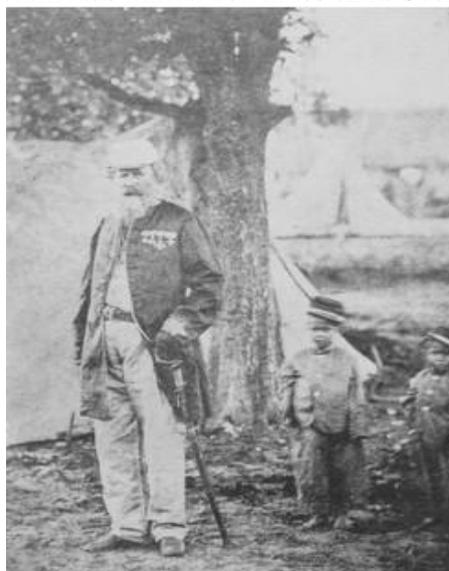
Imagem 8: Prisioneiro Paraguaio



Fonte: SQUINELO, DOCKHORN, 2021, p.136

A **Imagem 9** mostra a relação das crianças na guerra e refere-se a um militar adulto fotografado ao lado de várias crianças:

Imagem 9:
fotógrafo no identificado militar con niños en la Guerra del Paraguay.



Fonte: SQUINELO, Ana Paula, p.256

E, por fim a **Imagem 10** mostra uma criança paraguaia que visivelmente está desnutrida, como a fotografia foi tirada ao fim da Guerra, aventa-se como hipótese que as condições físicas da criança advêm as consequências da Guerra, como o deslocamento forçado e a falta de alimentos.

Imagem 10:

Criança paraguaia, fotografada em 1869
depois de ser aprisionada nos combates do final da Guerra



Fonte: CASTRO, 2016, p.226.

Sendo assim, as imagens elencadas acima permitem-nos apontar para a participação das crianças no *front* da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu sendo um dos aspectos mais chocantes e reveladores desse conflito. Através de fontes escritas, como relatos de militares da época, e evidências iconográficas, como fotografias e desenhos, é possível observar que a participação desses menores foi sistemática e planejada, especialmente nos últimos anos da guerra. A análise dessas fontes não só comprova a presença das crianças, mas também revela o contexto sociopolítico que levou ao seu alistamento e participação.

As imagens reunidas por Squinelo e Dockhorn (2021) são fundamentais para exemplificar como esses menores foram incorporados às tropas. A presença de fotografias que mostram crianças vestidas como soldados, portando armas e ao lado de adultos, confirma a exploração sistemática de jovens no exército paraguaio. Uma das imagens mais simbólicas é a da carabina reduzida, criada especialmente para esses menores. Isso evidencia que não foi uma medida improvisada, mas um esforço deliberado de adaptar o conflito às realidades físicas dos jovens combatentes.

Além disso, as fontes escritas complementam a narrativa visual ao descrever detalhadamente a utilização de menores em batalhas como a Batalha de Acosta Ñu, onde, de

acordo com Adler Homero Fonseca de Castro (2016), os batalhões paraguaios eram formados principalmente por crianças e idosos. Essa batalha, considerada uma das mais sangrentas e desiguais da guerra, expõe a situação desesperadora do Paraguai, que, devido à falta de combatentes adultos, utilizou menores de forma massiva no confronto. A historiografia tradicional, muitas vezes focada nas estratégias militares e nos líderes políticos, tende a negligenciar essas narrativas de sofrimento e exploração.

Outro aspecto relevante é o uso de crianças em funções não diretamente militares, como aprendizes de marinheiros ou trabalhadores técnicos. Castro (2016) menciona o envio de menores órfãos para o Instituto de Menores Artesãos da Casa de Correção da Corte, onde eram treinados não apenas para o trabalho civil, mas também para atuar no esforço de guerra. A imagem que retrata os internos dessa instituição, publicada por Castro (2016, p. 214), demonstra o quanto essas crianças foram moldadas para suprir as necessidades do exército, revelando o impacto da guerra sobre a infância e sobre os menores em situações de vulnerabilidade.

A partir dessas evidências visuais e escritas, é possível concluir que a participação infantil não foi um episódio isolado ou ocasional na Guerra do Paraguai. Pelo contrário, ela foi planejada e sustentada por estratégias militares e sociais que viam esses jovens como recursos a serem explorados. A carência de combatentes adultos e a ausência de regulamentações sobre o uso de menores no conflito permitiram que crianças fossem integradas de maneira organizada, tanto em funções de combate direto quanto em atividades de suporte. Essa realidade, ainda que muitas vezes silenciada nas narrativas tradicionais, é um testemunho da brutalidade e do desespero que marcaram os anos finais da guerra.

As fontes visuais e escritas analisadas demonstram de maneira inequívoca que a participação infantil durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu foi uma prática deliberada e organizada. As imagens que mostram menores em uniformes militares e as descrições de batalhas, como a de Acosta Ñu, revelam uma realidade sombria, em que crianças foram utilizadas como solução para a falta de combatentes adultos. A produção de armamentos adaptados ao porte físico desses menores, como a carabina reduzida, e o envio de órfãos para serem treinados como marinheiros ou artesãos reforçam a ideia de que esses jovens foram explorados e privados de uma infância segura. Ao trazer à tona essas evidências, a historiografia recente faz justiça a esses sujeitos historicamente silenciados, revelando uma dimensão trágica e muitas vezes negligenciada da guerra. O uso de menores como combatentes é um reflexo do

desespero militar e social que marcou o final do conflito, evidenciando a necessidade de uma leitura crítica e inclusiva da história.

CAPÍTULO 3 - Análise das Coleções Didáticas – em tela a criança e a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*

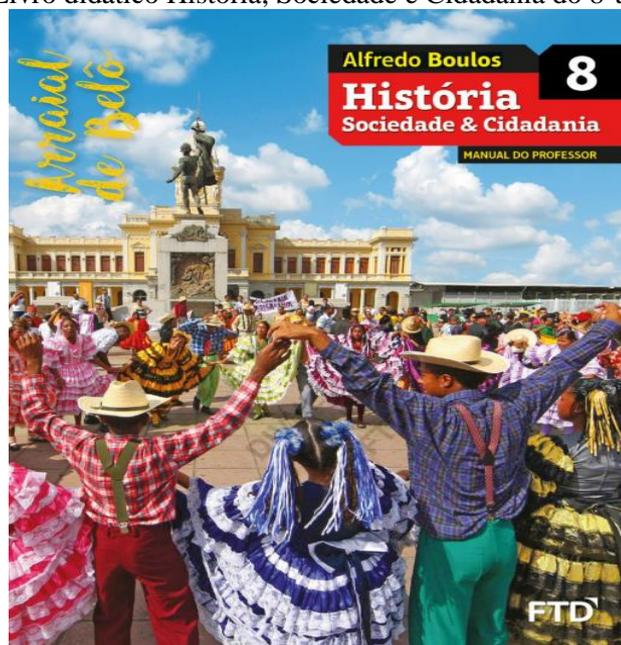
As fontes indicam, portanto, a presença significativa de crianças durante o período da Guerra do Paraguai. Esses menores, muitas vezes alistados de forma compulsória ou devido à falta de combatentes adultos, desempenharam papéis ativos no conflito, o que evidencia a gravidade da situação enfrentada pelo Paraguai na reta final da guerra. A inserção de crianças no *front*, seja como soldados, aprendizes-marinheiros ou em funções de suporte, levanta questões éticas sobre a exploração da infância e os impactos psicológicos e físicos sofridos por esses jovens em um contexto de guerra.

Diante desse cenário, torna-se essencial analisar³ como essa questão é abordada nos livros didáticos de história utilizados nas escolas de ensino fundamental. O intuito da análise das coleções didáticas é justamente tratar do silenciamento ou não desses menores nas narrativas históricas presentes nos materiais didáticos adotados nos municípios de Aquidauana e Anastácio, conforme o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/2020). É fundamental verificar se a participação das crianças na Guerra do Paraguai é abordada de maneira adequada ou se esses sujeitos são invisibilizados nos livros didáticos.

³ As análises dos livros didáticos se baseiam nos conceitos de Alain Choppin, para o autor a análise do livro didático deve ser entendida como um processo crítico que investiga como a história é narrada e quais ideologias e valores são transmitidos por meio desses materiais. Essa abordagem permite identificar representações, lacunas e silenciamentos que influenciam a formação do conhecimento dos alunos. CHOPPIN, Alain. *História dos Livros Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004. E se norteiam ainda nos estudos de Circe Bittencourt, em *Ensino de História: fundamentos e métodos*, defende que a análise crítica dos livros didáticos é essencial, pois esses materiais moldam a narrativa histórica e refletem ideologias. Ela destaca a importância de representar diversas vozes, marginalizadas na história, e sugere que os educadores devem escolher livros que promovam uma compreensão mais inclusiva e crítica do passado. A reflexão sobre as práticas pedagógicas é fundamental para aprimorar o ensino de história. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

Imagem 11:

Livro didático História, Sociedade e Cidadania do 8ºano



Fonte: Editora FTD

Imagem 12:

Livro didático História.doc 8ºano



Fonte: Editora Saraiva

A presente análise tem como foco investigar se os livros didáticos adotados nos anos finais do ensino fundamental nos municípios de Aquidauana e Anastácio usando uma abordagem crítica sobre a participação de menores no conflito. É crucial determinar se esses materiais reconhecem a presença desses sujeitos históricos ou, por outro lado, contribuem para o silenciamento de suas narrativas, perpetuando a invisibilidade de suas experiências. Ao examinar como as crianças e adolescentes são representados nos textos didáticos, podemos avaliar a profundidade e a riqueza das informações apresentadas.

Além disso, essa reflexão sobre a representação das crianças durante a guerra permite abrir um espaço para discutir o papel fundamental da educação na formação de uma cidadania consciente e responsável. A maneira como os livros didáticos tratam a história das crianças envolvidas em conflitos pode influenciar a percepção dos alunos sobre sua própria identidade e a importância de se engajar com a história de grupos frequentemente marginalizados. Essa inclusão é essencial para a construção de uma memória histórica mais abrangente e justa, que não apenas reconheça, mas também valorize as experiências de todos os envolvidos.

Portanto, ao promover uma educação que leve em conta essas narrativas, estamos contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica entre os estudantes. Essa conscientização é vital para formar cidadãos que não apenas conheçam a história, mas também sejam capazes de participar ativamente na construção de uma sociedade que respeite e valorize

a diversidade, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e que as lições do passado sejam aplicadas para um futuro mais inclusivo.

Tabela 1

Fonte	Título	Autor/a	Edição Cidade	Editora Ano	Conteúdo: Guerra Paraguai/ Guerra Guasu
Coleção 1	História sociedade e cidadania	Alfredo Boulos Júnior	São Paulo Brasil 4º edição	FTD 2018	Capítulo 11 Segundo reinado Política Economia e Guerra A Guerra do Paraguai p. 192-195

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Tabela 2

Fonte	Título	Autor/a	Edição Cidade	Editora Ano	Conteúdo: Guerra Paraguai/ Guerra Guasu
Coleção 2	História doc	Ronaldo Vainfas	São Paulo Brasil 2ª edição	Saraiva 2018	Capítulo 10 Crise da escravidão e da monarquia no Brasil A monarquia e o Paraguai A região do rio da Prata A Guerra do Paraguai Voluntários da Pátria As enormes perdas geradas pelo conflito

					p. 175-179
--	--	--	--	--	------------

Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

A **Coleção 1** trata da Guerra do Paraguai (ou Guerra Guasu) no 8º ano do Ensino Fundamental, apresentando o tema de maneira sintética e didática. Baseada nos trabalhos de historiadores renomados como Doratioto, Chiavenato e Boris Fausto, a obra oferece uma visão geral do conflito, destacando a geopolítica da região da Prata e as dinâmicas militares envolvidas. O livro utiliza diversos recursos visuais, como mapas, tabelas e números, para ilustrar a distribuição territorial dos países participantes, bem como o efetivo militar de cada nação. Essas ferramentas ajudam os alunos a visualizarem como o conflito afetou os países envolvidos e a entenderem as movimentações das tropas, facilitando a compreensão dos aspectos logísticos e estratégicos da guerra.

Imagem 13: Mapa dos territórios dos Países participantes da guerra



Fonte: Coleção 1, 2018, p.193.

Por meio das análises de Doratioto, o livro também proporciona uma compreensão detalhada da guerra, especialmente em relação à importância da Bacia do Rio da Prata. Esse recurso geográfico foi um dos pontos centrais do conflito, pois envolvia territórios estratégicos para o comércio e a navegação, além de ser uma área disputada entre os países envolvidos. Embora a obra ofereça uma visão detalhada sobre a dinâmica das operações militares e a distribuição das forças, ela omite um aspecto crucial, a participação das crianças no conflito. Embora a historiografia contemporânea já tenha reconhecido que crianças e adolescentes foram forçados a lutar, especialmente nos estágios finais da guerra, o livro não menciona a presença de menores no front de batalha ou em outras funções militares. Esse é um ponto significativo, já que, em momentos como a Batalha de Acosta Ñu, milhares de menores foram obrigados a pegar em armas devido à escassez de soldados adultos. Ao omitir esse aspecto, o livro perde a oportunidade de oferecer uma perspectiva mais humana e completa sobre a tragédia que foi a Guerra do Paraguai.

Por outro lado, a Coleção 1 faz um avanço importante ao reconhecer o papel das mulheres durante a guerra. Historicamente invisibilizadas nas narrativas tradicionais, as mulheres aparecem no livro desempenhando funções ativas no conflito, como enfermeiras e em outras funções de apoio. Esse reconhecimento é uma conquista significativa, pois permite uma visão mais inclusiva do papel feminino na guerra, que frequentemente foi negligenciado.

Em resumo, a Coleção 1 apresenta de forma clara e acessível a Guerra do Paraguai, destacando a geopolítica da região, as operações militares e o papel das mulheres no conflito. No entanto, a ausência de qualquer menção à participação infantil representa uma falha importante na obra, que poderia oferecer uma compreensão mais completa e humana da guerra ao abordar essa questão crucial. Apesar dessa omissão, o livro traz contribuições valiosas, especialmente ao incluir a atuação feminina, um passo importante para uma narrativa mais inclusiva e abrangente sobre a história do conflito.

Na Coleção 2, voltada para o 8º ano, a Guerra do Paraguai é discutida de maneira resumida, com apenas três páginas dedicadas ao tema. O livro apresenta uma visão geral do conflito, abordando aspectos importantes, mas sem entrar em muitos detalhes. Primeiramente, a questão da Prata é explicada, ela se refere à disputa pela Bacia do Rio da Prata, uma região estratégica na América do Sul, que inclui partes do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. O

Rio da Prata era um ponto crucial para o comércio e para o controle das rotas fluviais, o que tornava a região importante para os países da área. Essa disputa pelo domínio da Bacia foi uma das causas que levaram à Guerra do Paraguai. O livro também fala sobre a mobilização dos Voluntários da Pátria, um dos aspectos mais significativos da participação do Brasil na guerra, os Voluntários da Pátria foram cidadãos comuns que se alistaram para lutar contra o Paraguai. O Brasil enfrentava dificuldades para manter um número suficiente de soldados, então a mobilização foi uma tentativa de aumentar as forças militares. Embora muitos voluntários fossem pessoas sem experiência militar e sem treinamento adequado, eles tiveram um papel importante em várias batalhas, mobilização desses civis mostrou como a guerra afetou diretamente a sociedade brasileira, já que muitas pessoas se viram obrigadas a participar do conflito.

Outro ponto importante abordado no livro é a invasão do Brasil ao Uruguai. O Brasil se envolveu diretamente nas disputas internas do Uruguai, apoiando o Partido Colorado contra o Partido Blanco. Esse apoio estava relacionado à instabilidade política no Uruguai, que afetava toda a região da Bacia do Rio da Prata. ao apoiar o Partido Colorado, o Brasil entrou ainda mais no conflito, o que acabou sendo um dos fatores que desencadearam a guerra com o Paraguai.

Para facilitar a compreensão do contexto geográfico, o livro apresenta mapas que localizam os países envolvidos e ilustram a Bacia do Rio da Prata. Esses mapas ajudam os alunos a visualizar a região e a entender a importância estratégica do território, mostrando como o controle da área foi um fator decisivo durante a guerra.

Em resumo, a Coleção 2 oferece uma explicação simplificada sobre a Guerra do Paraguai, destacando a questão da Prata, a mobilização dos Voluntários da Pátria e a intervenção brasileira no Uruguai. Embora a explicação seja breve, o material ajuda os alunos a entenderem os principais motivos que levaram ao conflito, bem como a importância geopolítica da região da Bacia do Rio da Prata.

Imagem 14: Mapa da Bacia do Rio da Prata



Fonte: Coleção 2, 2018, p.175

No entanto, assim como na **Coleção 1**, a **Coleção 2** não faz nenhuma menção à participação de menores no *front* de guerra. Essa omissão é significativa, uma vez que a participação de crianças no conflito, especialmente no lado paraguaio, é um fato historicamente comprovado e amplamente discutido em pesquisas recentes. Crianças e adolescentes, muitas vezes recrutados à força, desempenharam papéis essenciais, seja no *front* de batalha ou em atividades de apoio logístico, especialmente nos momentos mais críticos da guerra, quando as forças paraguaias estavam gravemente enfraquecidas.

A ausência de referências a essa participação é uma falha a ser registrada na narrativa didática, já que a inclusão desse tópico poderia proporcionar uma visão mais ampla e crítica sobre os impactos da guerra. Além disso, poderia suscitar reflexões importantes sobre os direitos das crianças em contextos de guerra, permitindo aos/as alunos/as compreenderem melhor as consequências humanas do conflito. A falta de menção aos menores contrasta com a abordagem dada a outros/as sujeitos/as historicamente marginalizados, como as mulheres, que são destacadas por seu papel no conflito, algo que raramente era abordado em livros didáticos

anteriores. Essa lacuna na narrativa das duas coleções aponta para um silenciamento que, embora já tenha sido parcialmente corrigido no que se refere às mulheres, ainda persiste em relação às crianças.

Considerando que as crianças formaram uma parcela significativa dos combatentes na fase final da guerra, essa omissão diminui a complexidade e profundidade com que a Guerra do Paraguai é apresentada aos/as estudantes. Ao não mencionar o alistamento infantil, o material didático falha em proporcionar uma visão completa do conflito, que não se limita apenas às batalhas e estratégias militares, mas também aos aspectos sociais e humanos que marcaram profundamente a guerra e seus efeitos devastadores sobre as populações envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as duas coleções didáticas utilizadas no ensino de história, ficou evidente o silenciamento de importantes grupos de indivíduos, como as crianças, que foram envolvidas direta ou indiretamente no conflito da Guerra do Paraguai. Embora ambas as coleções ofereçam abordagens distintas, com diferentes enfoques e estratégias didáticas, o que se observa é uma omissão generalizada em relação ao papel desempenhado pelos menores no *front* de guerra. Essa ausência é preocupante, uma vez que já existe vasta documentação histórica, incluindo fotografias, relatos e documentos oficiais, que comprovam a presença significativa de crianças e adolescentes no conflito.

A **Coleção 1** tenta inovar ao incluir a presença das mulheres no contexto da guerra, um avanço importante ao reconhecer a participação de sujeitas historicamente marginalizadas. No entanto, essa coleção ainda trata o tema de forma muito superficial, resumindo a complexidade do conflito em poucas páginas e negligenciando a participação de outros grupos, como os menores. Além disso, a abordagem visual, com mapas e tabelas, contribui para a compreensão da geografia e da logística da guerra, mas a narrativa carece de uma reflexão mais crítica sobre os impactos humanos do conflito.

Por outro lado, a **Coleção 2** trata o tema de forma ainda mais limitada, dedicando apenas três páginas ao assunto e omitindo aspectos fundamentais, como a presença das crianças no *front* e os efeitos devastadores do conflito sobre a população civil. A única inovação dessa coleção, em comparação com a primeira, é a inclusão do tema dos Voluntários da Pátria, que oferece uma perspectiva sobre o recrutamento militar no Brasil, mas que ainda é insuficiente para cobrir a complexidade do conflito. A omissão sobre a participação dos menores é igualmente evidente, o que reforça o padrão de silenciamento presente em ambas as coleções.

Apesar de suas diferenças em abordagem e conteúdo, ambas as coleções compartilham a falha de não abordar de maneira significativa a questão da participação infantil no conflito. Essa omissão é particularmente grave, considerando que a participação de crianças no *front* da Guerra do Paraguai é um fato histórico amplamente documentado. A inclusão desse tema nas narrativas escolares não só traria uma visão mais completa da guerra, mas também aproximaria o conteúdo da realidade dos alunos, permitindo que eles refletissem sobre as consequências humanas e sociais de eventos históricos.

É necessário criticar a forma como os livros didáticos de história continuam a negligenciar um tema tão relevante e trágico como o alistamento e a participação de menores em um conflito armado. A guerra não afetou apenas soldados adultos e políticos; ela envolveu pessoas de todas as idades, inclusive crianças, que foram forçadas a lutar e, muitas vezes, morrer sem nem ao menos compreender completamente o contexto em que estavam inseridas. A omissão dessas histórias é, portanto, uma falha não só na educação, mas também na construção de uma memória histórica mais inclusiva e humana.

Os livros didáticos de história, especialmente nas redes públicas de ensino, continuam sendo uma das principais fontes de acesso ao conhecimento para muitos estudantes. Nesse sentido, é fundamental que esses materiais sejam constantemente aprimorados para refletir a complexidade da história, incluindo as vozes e experiências daqueles que foram silenciados/as

por tanto tempo. A responsabilidade por esse aprimoramento cabe não apenas aos/as autores/as dos livros, mas também aos historiadores/as, professores/as e educadores/as, que devem continuar lutando para garantir que todas as vozes sejam ouvidas.

A inclusão das histórias dessas crianças e de outros grupos marginalizados é essencial para uma educação que valorize a diversidade de experiências e contribua para a formação de cidadãos/as mais críticos/as e conscientes. Portanto, cabe às futuras gerações de historiadores/as e professores/as o papel de trazer à tona essas histórias ocultas, assegurando que aqueles que lutaram, sofreram e morreram na guerra sejam devidamente lembrados e reconhecidos nas narrativas históricas que são passadas às novas gerações. Somente assim será possível construir uma memória mais justa e completa sobre os eventos que marcaram profundamente a história da América do Sul. E tendo em vista tudo isso, a análise das narrativas didáticas atualmente utilizadas no ensino de história revela uma significativa lacuna no que tange à abordagem de temas relacionados à participação de sujeitos historicamente marginalizados, como as crianças, durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. O silenciamento de tais figuras no contexto das guerras, especialmente em materiais didáticos do ensino fundamental, limita a compreensão completa dos impactos humanos desse conflito.

Como contribuição acadêmica para preencher essa lacuna, proponho a criação de um projeto de pesquisa, a ser desenvolvido em nível de mestrado, focado na elaboração de aulas-oficina que contemplem a participação de crianças no conflito. A proposta visa não apenas fornecer uma perspectiva mais abrangente sobre a guerra, mas também oferecer ferramentas pedagógicas críticas que permitam aos professores abordar o tema de forma mais inclusiva e sensível, destacando as tragédias humanas que marcaram a história do Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: história e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org). *A guerra do Paraguai: 130 anos depois*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Relume-dumará 1995.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CAPDEVILA, Luc. *Una guerra total: Paraguay-1864-1870: ensayo de historia del tiempo presente*. 1° SB: Buenos Aires, 2010.

CASTRO, Adler Romero. Crianças na Guerra: Os Aprendizes Menores do Arsenal de Guerra. In: SQUINELO, Ana Paula (org.). *150 anos após - A Guerra do Paraguai: Entreolhares do*

- Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2016, pp. 207-227.
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865 -1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército. Coleção general Benício, pub.499, vol. 179, 1980.
- CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias o reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomos I, II, III, IV. Edición digital de la Biblioteca Virtual del Paraguay basado em la edición 1944 de Editorial Guaranía Asunción Paraguay. Asunción, setiembre de 2005. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/2619.pdf>. Acesso em 09/02/2023.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: A Guerra do Paraguai*, 1ª ed. São Paulo, Moderna, 1998. (Coleção Polêmica).
- CHOPPIN, Alain. História dos Livros Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992. (Caminhos da História).
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da guerra do Paraguai*. 2. ed. Brasil: Companhia das Letras, 2022.
- MASTRI, Mário José. A invasão paraguaia no sul do Mato Grosso. *Contraponto: Revista do departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v.2, n.2, ago.2015.
- MATTOS, Yara Karolina Santana de. *A Guerra do Paraguai/Guerra Guasu a partir de histórias em quadrinhos, aulas oficina e de uma mirada comparada (Brasil e Paraguai)*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2022.
- POMER, León. *La Guerra del Paraguay: ¡Gran negocio!*. Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1968.
- PRADO, Fabrício Pereira. Colônia do Sacramento: a situação na fronteira platina no século XVIII. *História*, Unisinos, v. 8, n. 2, p. 5-14, maio/ago. 2004.
- REBOUÇAS, André. *Diário. A Guerra do Paraguai*. Introdução e notas Maria Odila da Silva Dias. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1973.
- SANTOS, João Paulo; SANTOS, Maria Luiza; SANTOS, Pedro Henrique. A guerra do Paraguai e a Colônia do Sacramento: um estudo comparativo das fontes primárias e secundárias. *Revista Eletrônica de História do Brasil (REHB)*, v. 11, n. 1, p. 23-37, jan./jun. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Batalha do Avaí- A beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2013.

SILVA, Ana Paula; SILVA, Carlos Eduardo; SILVA, Maria José. A Colônia do Sacramento: história e memória de uma cidade portuguesa na América. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 9, n. 17, p. 1-18, jul./dez. 2017.

SQUINELO, Ana Paula (org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, p. 77-105. (volume 2)

SQUINELO, Ana Paula; TELESCA, Ignacio (org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Ed. Life, 2019. (volume 3).

SQUINELO, Ana Paula; DOCKHORN, Vera Lúcia. *Oficina de História: temas para ensino da Guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso*. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2021.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...* Ensino Memória e história de um conflito secular. 2.ed Campo Grande: Ed. UCDB, 2003.

_____. O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai. *Dossiê Diálogos*, Maringá-PR, Brasil, v. 24, n. 3, p. 242-264, set./dez.2020.

_____. 150 anos depois: narrativas históricas de jovens estudantes brasileiros/as sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu a partir das aulas de História. *Clio: Revista de Estudos Históricos*, v. 39, n. 2, p. 153-185, 2021.

_____. Concepções historiográficas e ensino de história: a Guerra do Paraguai nas coleções didáticas Projeto Radix: História e História Sociedade e Cidadania (PNLD 2014). *Diálogos (Maringá. Online)* v.19, n.3, pp.1121-1139, set-dez/2015.

SQUINELO, Ana Paula; MARIN, Jérri Roberto. A ocupação de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu: antecedentes, conflitos, cotidiano e desfecho. In: BALLER, Leandro; LEITE, Eudes (coord.). *Fronteiras e Histórias - A centralidade das margens e os usos do passado*. Curitiba, CRV: 2023, pp. 249-91.

TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. *A Retirada da Laguna*. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874.

WHIGHAM, Thomas. La Campaña de Mato Grosso. In: *La guerra de la Triple alianza: Causas e inicios del mayor conflicto bélico de América del Sur*. Vol. 1. Asunción, Santillana, 2010. pp.209-235.

